

JUDEU DA AMAZÔNIA, BRASILEIRO NO MARROCOS. MIGRAÇÃO E IDENTIDADES ENTRE 1890 E 1910

Lucas de Mattos Moura Fernandes

Mestrando em História Social Ppghis/UFRJ
professorlucasfernandes@gmail.com

RESUMO

Diretamente vinculado às questões de liberdade religiosa e desenvolvimento de oportunidades comerciais, o fluxo imigratório judaico marroquino para a região norte do Brasil também deve ser entendida pelo contexto social marroquino, caracterizado por crise política e econômica além de período de intolerância incentivada por alguns sultões. Vários destes migrantes transitavam entre seus negócios no Brasil e a comunidade original, no Marrocos, formando suas famílias em cada lado do Atlântico. Propomos a problematização do fluxo migratório judaico Marrocos-Brasil-Marrocos no período entre os anos de 1890 e 1910 e filiados às pesquisas mais recentes sobre o tema, visamos compreender a formação de identidades dos imigrantes judaicos na região amazônica a partir da concepção de que as identidades são socialmente construídas e que sendo historicamente apropriadas, conferem sentido a um grupo social. Ou seja, a melhor forma de compreendermos a complexidade desta comunidade brasileira de cultura judaica-marroquina é acompanhando sua trajetória e percebendo as formas como diversos de seus elementos agem a partir de sua identidade ou de outros recursos culturais como estratégias de convivência.

Palavras-chave: Migração Judaica , História Judaica, Judeus no Brasil

JEWISH OF THE AMAZON, BRAZILIAN IN MOROCCO. MIGRATION AND IDENTITIES BETWEEN 1890 AND 1910

ABSTRACT

Directly linked to issues of religious freedom and development of business opportunities, the Jewish Moroccan immigration flow to the northern to Brazil should also be understood by the Moroccan social context, characterized by political and economic crisis as well as intolerance period encouraged by some sultans. Divers of these migrants transiting between its business in Brazil and the original community in Morocco, forming their families on both sides of the Atlantic. We propose the questioning of Jewish migration Morocco - Brazil -Morocco in the period between the years 1890 and 1910 and affiliated to the latest research on the topic, we purpose to understand the formation of identities of Jewish immigrants in the Amazon region from the idea that identities are socially constructed and that being historically appropriate, give meaning to a social group. That is, the best way to understand the complexity of the Brazilian community of Jewish - Moroccan culture is followed its course and realizing the ways many of its elements act from your identity or other cultural features such as coexistence strategies.

Key-Words: Jewish Migration – Jewish History – Jewish in Brazil

No ano de 1901 o consulado geral do Brasil no Marrocos, sediado na cidade de Tânger, realizou um recenseamento dos cidadãos brasileiros no país, produzindo um livro de registros em que se encontram informações sobre a comunidade brasileira naquele país na virada do século XIX para o século XX¹. As informações de caráter não apenas quantitativo, mas também qualitativo, fazem deste documento uma fonte fundamental em nossa pesquisa devido às provocações que dela decorrem.

Neste livro de registros constam nominalmente todos os brasileiros residentes no respectivo país, tendo se apresentado com devida documentação para reconhecimento de cidadania, a saber, certidão de nascimento, naturalização, passaporte, título de eleitor e afins. Neste livro de registro também constam dados pessoais importantes como idade, profissão, local onde reside no Marrocos, há quanto tempo reside no Marrocos, cidade onde nasceu o cidadão, cidade onde residiu no Brasil, por quanto tempo viveu no Brasil e há quanto tempo reside no Marrocos, bem como nomes de cônjuges, filhos e respectivas idades.

A partir de uma análise deste livro de registros podemos constituir um perfil da comunidade brasileira no Marrocos, onde surpreendentemente todos os listados nasceram em cidades deste país, como Tânger, Tetuan, Marrakesh, Mogador, Casablanca etc. Estes migraram para o Brasil, onde em sua maioria residiram na região amazônica por motivos ainda a serem analisados e após retornarem do Brasil para sua terra natal, continuaram se identificando como brasileiros.

Por que um nativo marroquino, habitante do Marrocos, formado nos moldes da cultura sefaradi marroquina retorna a sua terra natal se identificando prioritariamente como brasileiro? Poderíamos supor que à identidade marroquina e judaica somou-se uma camada brasileira? Ou haveria simplesmente a instrumentalização da cidadania brasileira, como melhor posição para se defender em situações de discriminação? Quais os limites dessa identificação com o Brasil?

Defendemos aqui neste trabalho a suma importância da análise histórica da trajetória coletiva desta comunidade que constitui sua identidade durante a interação com diversos contextos socioculturais, desde sua origem no complexo e fragmentado território marroquino até a passagem de vários de seus componentes pela experiência migratória na Amazônia brasileira. Ou seja, a melhor forma de compreendermos a complexidade desta comunidade brasileira de cultura judaica-marroquina é acompanhando sua trajetória e percebendo as formas como diversos de seus elementos agem a partir de sua identidade ou de outros recursos culturais como estratégias de convivência.

1 História dos Judeus no Brasil e a imigração dos Sefaradi

O século XIX sem dúvida deve ser considerado um período de grandes transformações, especialmente demográficas. Em um contexto global um grande contingente humano se mobilizava entre várias partes do globo, seja como refugiados de calamidades e conflitos ou imigrantes de cunho econômico em busca de melhores oportunidades de trabalho nas regiões até então pouco ocupadas e menos visadas pela voracidade do imperialismo.

No Brasil houve a evolução da categoria de colônia portuguesa à nação independente, passando por vários estágios, além da urbanização, plenitude da economia cafeeira, extinção oficial do sistema de mão-de obra escrava etc. A especificidade do caso brasileiro está no

1 Livro de Registro de Súbditos Brasileiros Residentes no Marrocos em 1900-1901. Arquivo Histórico do Itamaraty - AHI (Documentação Consular recolhida - Consulado geral do Brasil em Tânger)

desenvolvimento de um setor de serviços tipicamente urbano a partir da abertura dos portos às nações amigas, em 1808, bem como a carência de mão-de-obra campesina, racialmente aceitável (BIGUELMAN, Paula. 1982. p.23), para substituir em determinadas regiões do país o braço escravo a partir da abolição em 1888. Somente nas quatro décadas que sucedem o ano de 1890 o Brasil recebeu

3.523.591 imigrantes, dos quais 1 milhão de italianos, outro tanto de portugueses, 500 mil espanhóis, 100 mil alemães, 80 mil austríacos, quase 90 mil japoneses, 108.475 russos, 73.690 sírio-libaneses, além de outras nacionalidades como poloneses, tchecos, lituanos, húngaros, suíços etc. Entre 1840 e 1942 entraram 71.360 judeus aproximadamente. (LESTCHINSKY, apud BLAY; 1997.p.29)

A presença judaica marroquina na região amazônica é datada de período anterior ao ciclo da borracha. O contexto social marroquino, caracterizado por crise política e econômica além de período de antissemitismo incentivado por alguns sultões, é compreendido como um dos motivadores deste fluxo migratório. Entre 1826 e 1828 foram fundadas na cidade de Belém do Pará o cemitério de Soledade, além das sinagogas *Shaar Ashamaim* e *Essel Abraham*, perdurando à atualidade como registros da presença judaica na região (LESTCHINSKY, apud BLAY; 1997.p.40)

Os pioneiros da imigração voltada para o trabalho com o comércio da borracha teriam chegado por volta dos anos 1850, instalados em cidades amazônicas como Belém, Cametá, Itacoatiara, Óbidos, Santarém, Manaus etc, tiveram sua imigração facilitada pelos governos de ambos os lados do Atlântico. Falavam o ladino, característico da comunidade sefardi² que passou pela diáspora ibérica (século XVI).

Ao se instalarem na região norte do país, se empregaram nas casas aviadoras, intermediárias no processo de produção e exportação da borracha, responsáveis entre outras coisas pela venda a crédito aos seringalistas, de ferramentas de trabalho, roupas, remédios etc, recebendo borracha como pagamento. A princípio, essas casas aviadoras eram de propriedade de ingleses, alemães, franceses e portugueses que controlavam o comércio fluvial de produtos da região. Com o passar do tempo os funcionários, não apenas judeus, mas também sírios e libaneses, passaram a abrir seus próprios negócios indo diretamente ao seringueiro, nas cidades à margem do Tapajós, negociar mercadorias. (BLAY, 1997.p.430)

Jornais da região, bem como outros informativos judaicos pelo país passam a noticiar disputas entre os aviadores, seringalistas e comerciantes judeus, os primeiros lutando pela manutenção do antigo monopólio comercial na região amazônica, os outros se esforçando por eliminar os intermediários e conquistar novas freguesias demandantes. Em diversos relatos, essa disputa comercial, que adquiria tons xenofóbicos causou comoção sendo narrada a partir de um viés exclusivamente antissemita, como cita Wolff:

2 Ou sefardita, segmento judaico que se estabeleceu na península ibérica na Antiguidade, sendo perseguida pela Inquisição e pelos reis católicos após a Reconquista. Grande parte de seu contingente se refugiou no norte da África, território não menos isento de perseguições. Segundo Wagner Lins a posição dos sefaradis em relação a outros segmentos judaicos, em especial os askhenazis é depreciada como “oriental, primitiva e iletrada”. Ver LINS, Wagner. A mão e a luva: Judeus marroquinos em Israel e na Amazônia. Similaridades e diferenças na construção étnica. 2010. 266f. Tese (Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Orientais. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2010.p.19

Indivíduos armados, vindos do interior, invadiram a cidade de Cametá, afim de expulsarem os israelitas ali domiciliados, saqueando o estabelecimento de Arão Cohen e ameaçando-o de morte. As autoridades locais tomaram providências, conseguindo acalmar os ânimos, conquanto os exaltados prometeram empregar todos os meios afim de conseguir a expulsão de todos os judeus. Para aquela localidade seguiram o prefeito de segurança e 30 praças de polícia. (Jornal do Brasil 26 de abril de 1901 in WOLFF, 1980.p.303)

O que de fato podemos observar a partir da análise de fontes históricas é que o fluxo migratório de judeus marroquinos para o Brasil, na virada do século XIX para o XX era contínuo. Uma série de sefaradis transitava entre seus negócios no Brasil e a comunidade original, no Marrocos, formando suas famílias em cada lado do Atlântico. Segundo Heller, a família era fundamental para a manutenção da identidade judaica bem como servia como instrumento de enriquecimento. Por isso entre os fatores listados pela volta de sefaradis, imigrantes e seus filhos, ao Marrocos estão a busca de esposas, o estabelecimento de vínculos comerciais e em alguns casos motivos educacionais. (HELLER, 2010.p.139)³.

Devemos ter em mente que uma das instituições educacionais mais importantes no Marrocos entre o último quarto do século XIX e o primeiro do século XX é justamente a Aliança Israelita Universal. Fundada em 1860 na cidade de Paris, tendo como objetivo o preparo intelectual de judeus em todo mundo para terem acesso às classes dirigentes de seus respectivos países, sendo um projeto avesso ao do Sionismo - embora em seus quadros se perceba a presença de instrutores adeptos do nacionalismo judaico- a AIU pode ser apontada como elemento influente no fluxo Marrocos-Brasil.

Tendo em vista a presença da Aliança Israelita Universal⁴ entre algumas das principais comunidades judaicas do Marrocos já na década de 1860, Samuel Benchimol aponta o ensino europeizador como favorecedor da imigração e Heller afirma que nos primeiros oito anos de funcionamento cerca de um terço dos alunos emigrou (HELLER, 2010.p.61-94).

Acessando fontes diplomáticas sobre os judeus sefaradis que retornam ao Marrocos pudemos perceber que muitos deles, mesmo em sua terra natal, permanecem se identificando como brasileiros, alguns naturalizados pela Lei de 1889⁵. Como no caso de Salomon Cohen, comerciante nascido em Tânger, que mesmo estando já vinte anos residindo em sua cidade natal, se identifica como brasileiro, tendo por referência os oito anos que passou no Estado do Pará⁶, ou do relato sobre Saul Benshaya, de Rabat, que enquanto estava ausente de seu estabelecimento, um filho de 12 ou 13 anos vendeu certa porção de fazenda a um mouro, e como este não completasse o pagamento, o rapaz

3 Ver também GHERMAN, Michel. Sionismo periférico: ambiguidades da história inicial do sionismo no Brasil (1900-1920) 2014. 304f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Social: Rio de Janeiro, 2014.p.103

4 Tânger em 1862 e Tetuan em 1867, ver BENCHIMOL, Samuel. Amazônia – Formação Social e Cultural. 3.a ed. Manaus: Editora Valer, 2009.p.293

5 Nos referimos ao fato conhecido como Grande Naturalização (1889) no qual, dentre os primeiros decretos presidenciais dos Estados Unidos do Brasil estava a naturalização compulsória de todos os habitantes do território nacional que não se manifestassem em contrário num prazo de seis meses. Essa medida tornou brasileiros inclusive muitos dos membros da comunidade judaica marroquina então residentes na região amazônica. Ver BASTOS, José Tavares. *Naturalização*: contendo todos os decretos. Coimbra: Coimbra Ed, 1925.

6 *Livro de Registro de Súditos Brasileiros Residentes no Marrocos em 1900-1901*. p.1.Arquivo Histórico do Itamaraty - AHI (Documentação Consular recolhida - Consulado geral do Brasil em Tânger).

[...]foi pedir-lhe dinheiro, mas o mouro[...] maltratou-o; poucos instantes depois chegou o pai e como viu o filho chorar inquiriu a causa e [...]insultou publicamente o mouro que tinha batido no filho. Isto bastou para que outros mouros tomando parte de seu correligionário levantassem barulho e fossem acusar Saul contra o juiz territorial que entendeu submeter o caso ao vice governador, o qual enviou um soldado a Saul Benshaya, para que fosse a sua presença, mas Saul respondeu que era **súdito brasileiro**, se tinham alguma coisa contra ele, a levassem a sua autoridade consular⁷.

Diante da documentação disponível sobre a comunidade brasileira no Marrocos entre a última década do século XIX e a primeira do XX, casos como esses não são exceção. A compreensão da dinâmica da construção da identidade desta comunidade judaica-marroquina, que após passar anos no Brasil, regressa ao Marrocos se identificando permanentemente como brasileira deve ser necessariamente voltada para o período que vai da década de 1890 a 1910 não apenas pela riqueza das fontes, mas principalmente por percebermos como o fluxo Marrocos-Brasil-Marrocos estava em seu auge, bem como a atuação da Aliança Israelita Universal no Marrocos, coincidindo também com a (re)formulação de uma identidade nacional brasileira condizente com os anseios da jovem república no Brasil e lá, a fragmentação crescente na já combalida unidade geopolítica e identitária do Marrocos.

Defendemos aqui neste trabalho a suma importância da análise histórica da trajetória coletiva desta comunidade que constitui sua identidade durante a interação com diversos contextos socioculturais, desde sua origem no complexo e fragmentado território marroquino até a passagem de vários de seus componentes pela experiência migratória na Amazônia brasileira.

Compreendemos que a percepção teórica que melhor possibilita a compreensão da formação da identidade desta comunidade seria o enfoque relacional das teorias de identidades, onde a percepção de identidade é considerada em termos da dinâmica social, sendo construída coletivamente e tendo um caráter polissêmico, aberto e inacabado, sempre sujeita a ressignificação segundo as condições históricas. Essas identidades socialmente construídas são oriundas de um processo de apreensão e reconhecimento de procedimentos e valores que nos aproximam dos que os compartilham e nos afastam/separam dos outros, aqueles que não os compartilham.

2 Migração e identidades: judeus da Amazônia

A noção de identidade está vinculada à forma como nos representamos e como nos representamos os outros, sendo definida por Maria Cristina Chiriguini como um processo de identificações historicamente apropriadas que conferem sentido a um grupo social (CHIRIGUINI, 2008. p.61)

Desta forma, a ideia de pensar uma determinada identidade como socialmente construída implica em acessar seus processos internos e contextos como forma de investigar seus limites.

É a partir da constituição de limites que a identidade se forja diante de um outro desenvolvendo um sentimento de pertença concomitantemente àquilo que não somos, um universo cultural distinto, alheio. Como expõe Maria Chiriguini

⁷ Ofício de 28 de julho de 1897. *Despachos da Secretaria de Estado para o Consulado Geral em Tânger (1894-1897)*. Arquivo Histórico do Itamaraty - AHI (Documentação Consular recolhida - Consulado geral do Brasil em Tânger). Grifo nosso.

Las identidades se definen de manera negativa en el marco de las relaciones sociales donde interactúan permanentemente los seres humanos: la identidad femenina frente a la masculina, ser um adolescente es no ser adulto o niño, proclamarse como político de izquierda es no ser de derecha. (CHIRIGUINI, 2008. p.61)

Especificamente tratando sobre a relação entre identidade nacional e étnica, que se aplica ao nosso objeto, Benedict Anderson nos fornece o conceito de comunidade imaginada para compreendermos os processos político e social vividos tanto no Marrocos quanto no Brasil na virada do século XIX para o XX. Enquanto neste a ausência de uma comunidade imaginada, uma, soberana (ANDERSON, 2008.p.32) e que abrangesse os limites do país é fator determinante para compreender a construção de identidade dos judeus marroquinos; naquele a ainda incipiente tentativa de criar uma nação a partir da força do Estado através um processo de criação de um nacionalismo oficial permite um acesso à identidade a partir da naturalização, no qual as pessoas podem ser “convidadas a entrar” na comunidade imaginada(ANDERSON, 2008.p.204-222)

Consideramos que a partir desta intensa dinâmica em que se formam e se modificam as identidades étnicas e nacionais devemos nos manter sempre atentos contra a ilusão de uma identidade homogênea que a partir de seu rótulo externo representa plenamente as mais diversas dimensões individuais de seus membros. Assim como no exemplo de Isaac Benchimol citado por Eva Blay, onde o indivíduo se situa na sociedade como judeu, amazonense e brasileiro sendo sua identidade uma soma destas dimensões. (BLAY.1997 p.46), nossa trabalho está voltado para a concepção de que as identidades, além de socialmente construídas, são também múltiplas.

Concordamos com Maria Cristina Chiringuini ao observar que as relações sociais das quais os sujeitos participam são de diferentes complexidades, sejam relações de gênero, produção, familiares, etárias etc, tendo cada uma delas potencialidade para ser o próprio sujeito se posicionando de acordo com a circunstância. Nas palavras da autora

Todos estamos constituídos por um conjunto de pertinências múltiples. En la vida cotidiana pueden alternarse diferentes identidades, según las circunstancias. [...]Em realidad todas estas identificaciones son partes de uno mismo, de “mismidad”;son como las capas delgadas de una cebolla que conforman al fin y al cabo una unidad y que se van constituyendo en nosotros como resultado de experiencias sociales y históricas producidas colectivamente y en el plano de la subjetividad (CHIRIGUINI, 2008. p.68).

Desta forma se torna de fundamental importância compreender, a partir de uma análise mais detalhada da comunidade brasileira no Marrocos, os limites das múltiplas identidades compartilhadas por esses indivíduos componentes deste grupo.

A presença judaica no Brasil é muito anterior ao século XIX. Nachman Falbel, ao delinear uma cronologia da imigração judaica para o Brasil, recua até o século XVI com a chegada dos primeiros cristãos-novos que aqui se estabeleceram até a primeira visitação da Inquisição em 1591. Segundo o mesmo autor, um outro período fundamental para apreço da historiografia como marco da presença judaica no Brasil vai de 1624 a 1654, onde o nordeste sob domínio holandês permite a livre expressão da religião judaica e a criação das primeiras comunidades judias em território nacional: Tzur Israel (Recife) e Magen Abraham (Maurícia) . (FALBEL, 2008.p.26).

Embora o período que vai da expulsão dos holandeses à abertura dos portos (1808) seja considerado um período de repressão para os imigrantes não católicos, a posterior condição de liberdade religiosa e a permissão de navegabilidade do Amazonas para estrangeiros atraíram uma nova corrente migratória judaica, dessa vez de origem norteafricana, para as regiões equatoriais do país. (FALBEL 2008.p.26).

A presença sefardi no Brasil é ainda pouco abordada pela historiografia, tendo os estudos judaicos no Brasil se voltado com maior ênfase para os fluxos migratórios judaicos askhenazitas, em especial nos períodos de grandes migrações mundiais, como nos primeiros cinquenta anos do século XX. Grande parte das referências que podem ser encontradas sobre o tema a que propomos discussão são abordagens voltadas para a memória da comunidade sefardi no norte do Brasil além de raros trabalhos voltados para o impacto cultural da migração, realizados no campo de estudos religiosos ou linguísticos⁸.

Em uma das principais referências sobre a presença judaica no Pará, o livro de Ergon Wolff, *Judeus nos primórdios do Brasil República*, são citados uma série de fatos baseados em histórias individuais de membros da comunidade, além da compilação de registros, como por exemplo excertos de jornais de época, fotografias e passaportes. Embora utilize o conceito de novos marranos para comentar uma certa dinâmica cultural judaica no Brasil, o autor não problematiza-nem é esse seu objetivo-as especificidades dos diferentes fluxos migratórios judaicos para o Brasil. (WOLFF; WOLFF, 1980).

Apesar dos primeiros fluxos migratórios judaicos para o Brasil moderno serem predominantemente de sefaradis e alsacianos, é ao segmento askhenazita que se dedicam as principais análises sociohistóricas. Partindo de um pressuposto eurocêntrico, ou seja, tendo por parâmetro as experiências do segmento askhenazita na Europa, onde a manutenção da identidade judaica estaria associada à perseguição – e quando não houvesse antissemitismo os judeus seriam assimilados- a historiografia tradicional utilizou a mesma chave de leitura para o Brasil enfatizando os poucos exemplos nacionais para argumentar a necessidade de não assimilação do judeu no Brasil⁹.

Por outro lado, uma produção historiográfica mais recente considera que a tese do antissemitismo como motor da história do judaísmo não se aplica ao Brasil, onde os casos de intolerância seriam pontuais e nem sempre motivados pelas diferenças étnicas. Nesta linha Bernardo Sorj (1997,p. 3-25) considera a cultura brasileira como avessa à proliferação do antissemitismo, devido à fatores de época que privilegiavam a discriminação de imigrantes a partir do tom de pele, tendo em vista a aceitação da noção de branqueamento da população como fator de evolução social.

Essa corrente historiográfica mais recente se caracteriza pela noção de que, como um país onde as comunidades judaicas se estabeleciam de forma diversa, seria necessária uma nova noção de construção da identidade judaica no Brasil que abrangesse por exemplo os casos de miscigenação, de grande proporção nas comunidades amazônicas¹⁰.

8 Um exemplo notável está em LINS, Wagner. Op.cit.e em SCHEINBEIN,Cássia. *Línguas em Extinção: O Hakitia em Belém do Pará*.2006.335 f.Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos.Universidade Federal de Minas Gerais.Belo horizonte.2006.

9 Além da já citada obra de Ergon e Frieda Wolff, também soma-se a essa linha historiográfica o clássico TUCCI, C. L. Maria. *O Anti-Semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Brasiliense, 1885.

10 Heller defende que os judeus sefardi amazônicos, por exemplo, adaptaram parte de seus costumes, produzindo uma identidade híbrida. Ver HELLER, J.R.*Op.Cit*.p.165

Um trabalho que se aproxima de nosso objeto é o artigo de Eva Alterman Blay (1997, p. 25-57), sobre a presença judaica na Amazônia onde a autora, ao perceber que as comunidades judaicas em diversos países estabelecem uma rede de instituições que as permitia sobreviverem religiosa, política e culturalmente, busca encontrar no Brasil sinais de ampliação ou redução desses tipos de redes sociais, tendo a microanálise como abordagem metodológica.

Blay analisa uma série de relatos pessoais de judeus marroquinos e suas relações com organizações sociais judaicas bem como a medida de sua inserção na cultura brasileira, compreendendo como a brasilidade e seus regionalismos perpassam a trajetória de vida de muitos judeus no Brasil.

A pesquisa de Reginaldo Jonas Heller também versa sobre os judeus na Amazônia (2010), tendo o cuidado de fundamentar o estudo da identidade dos sefaradi para ali emigrados numa inicial análise social e política da situação marroquina em que os mesmos estiveram imersos antes de ver no Brasil um projeto de vida.

Como assinala o título do trabalho o autor inova ao relacionar a segunda onda de imigrantes judaico marroquinos para o norte do Brasil, tipicamente associada ao boom da borracha, à dimensão cultural no Marrocos, dedicando espaço a uma possível influência da Aliança Israelita Universal. Contudo entendemos que o autor utiliza referências generalizantes sobre a atuação da AIU, emitindo conclusões que podem não se aplicar ao fluxo Marrocos-Brasil.

A continuação da pesquisa sobre esse tema se justifica a partir da necessidade dos estudos judaicos no Brasil, não apenas contemplarem com mais atenção o fluxo migratório sefaradi para a Amazônia, como principalmente complementar o estudo da formação da identidade desta comunidade a partir da compreensão de suas condições durante a trajetória Marrocos-Brasil-Marrocos.

Considerações Finais

Podemos afirmar que o fluxo migratório de judeus marroquinos para o Brasil não se limitou a motivações individuais e nem somente se relaciona às dificuldades da comunidade marroquina, mas foi também fomentado pela atuação da Aliança Israelita Universal bem como correspondeu a anseios de cunho econômico desta comunidade que via no Brasil uma terra de oportunidades.

Uma vez em território amazônico a comunidade judaica de origem marroquina manteve uma intensa troca cultural com as comunidades locais onde inclusive ocorreram relacionamentos mistos que deram origem a caboclos de origem judaica. Por outro lado muitos desses comerciantes judeus optaram por compor uma rede de contatos nos dois lados do atlântico por interesses comerciais, onde a família tinha um papel crucial. Sendo de fato necessária essa compreensão do fenômeno do surgimento da figura do “Judeu amazônico” para a posterior análise da comunidade dos regressos que se reinstalam no Marrocos, trazendo como certa sua condição de brasileiros entre suas estratégias individuais e familiares que nos apontam os limites das identidades desses grupos.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: Reflexões Sobre a Origem e a Difusão do Nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In POUTIGNAT, Phillipe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- BASTOS, José Tavares. **Naturalização: contendo todos os decretos**. Coimbra: Coimbra Ed, 1925.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia – Formação Social e Cultural**. 3.a ed. Manaus: Editora Valer, 2009.
- BIGUELMAN, Paula. **A crise do escravismo e a grande imigração**. São Paulo: Brasiliense, 1982
- CHIRIGUINI, M.C. **Identidades socialmente construídas**. In: CHIRIGUINI, M.C. (compil.): *Apertura a la Antropología: alteridad, cultura, naturaleza humana*. Buenos Aires: Proyecto editorial, 2008, 61-78.
- Despachos da Secretaria de Estado para o Consulado Geral em Tânger (1894-1897). Arquivo Histórico do Itamaraty - AHI (Documentação Consular recolhida - Consulado geral do Brasil em Tânger).
- FALBEL, Nachman. **Judeus no Brasil: Estudos e Notas**. São Paulo: Humanitas: EDUSP, 2008.
- GHERMAN, Michel. **Sionismo periférico: ambiguidades da história inicial do sionismo no Brasil (1900-1920)**. 2014. 304f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História Social: Rio de Janeiro, 2014.
- HELLER, J.R. **Os Judeus do Eldorado**. Reinventando uma identidade em plena Amazônia. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.
- LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- LINS, Wagner. **A mão e a luva: Judeus marroquinos em Israel e na Amazônia. Similaridades e diferenças na construção étnica**. 2010. 266f. Tese (Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Orientais. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2010.

Livro de Registro de Súbditos Brasileiros Residentes no Marrocos em 1900-1901. Arquivo Histórico do Itamaraty - AHI (Documentação Consular recolhida - Consulado geral do Brasil em Tânger)

SCHEINBEIN, Cássia. **Línguas em Extinção: O Hakitia em Belém do Pará**. 2006. 335 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Minas Gerais: Belo horizonte. 2006.

SORJ, Bila (Org.). **Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997

TUCCI, C. L. Maria. **O Anti-Semitismo na Era Vargas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WOLFF, Egon; WOLFF, Frieda. **Judeus nos Primórdios do Brasil República**. Rio de Janeiro: Bialik, 1980.